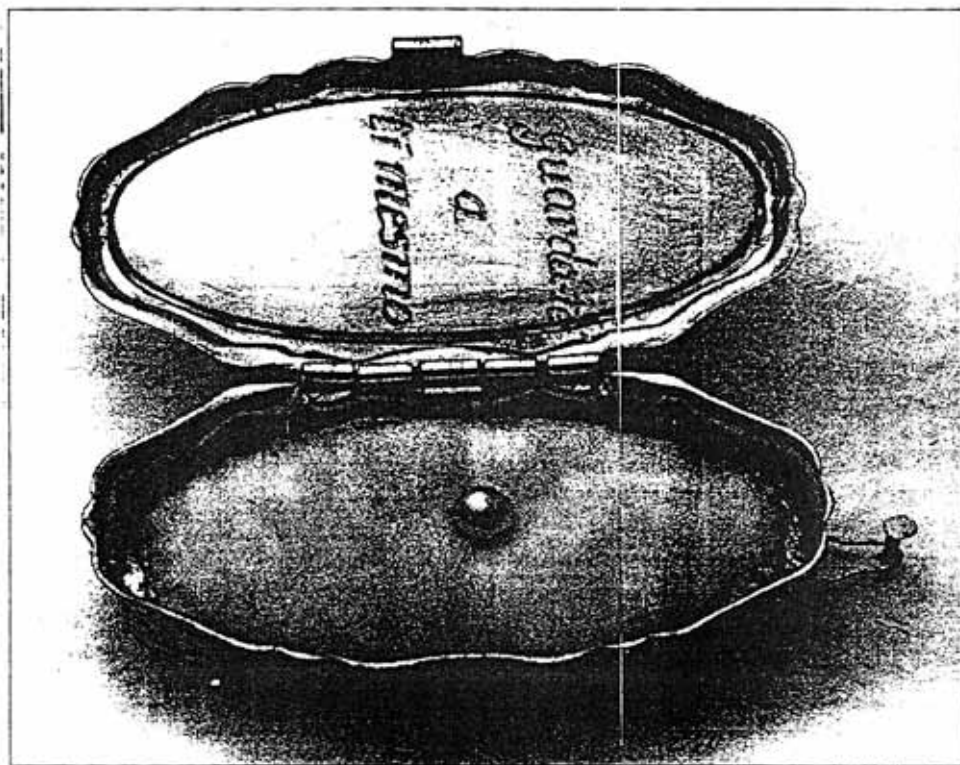


A arte além do imaginário

► Com abertura amanhã no PA, a coletiva "Linha Imaginária" integra projeto de difusão da arte contemporânea



DE MÔNICA Rubinho, "Guarda-te a ti Mesmo", de 1992: porta-jóia de metal, tecido, algodão, pérola de resina e fio dourado

WALTER SEBASTIÃO

Um projeto movido por artistas quer repensar o circuito das artes, articular um espaço de difusão e circulação para a produção contemporânea e discutir os muitos aspectos ligados às novas visualidades. O nome é "Linha Imaginária", aludindo a rotas não lineares, possíveis quando se pensa um País das dimensões do Brasil. A prática: conectar artistas, organizar mostras coletivas, viajar com elas e apresentá-las onde for possível. Um exemplo desta atitude é a exposição dos paulistas Elizabeth Peres, Mônica Rubinho, Odires Miászho e Sidney Philocreon, que será aberta amanhã, às 21h, na Sala Arlinda Corrêa Lima do Palácio das Artes.

A coletiva "Linha Imaginária" apresenta objetos, fotos e desenhos. Sidney Philocreon, um dos articuladores do projeto, explica que a tônica é a diversidade de proposições. Se entrevê interesses comuns entre os autores - imagem, linguagem, relações humanas, identidade, história da arte etc. - ele avisa que o tratamento dado a estes motivos é muito diferenciado. Os extremos seriam, de um lado, o total intimismo e, de outro, o questionamento da imagem pública da história da arte. "O ponto comum é o fato de termos eleito a linguagem das artes visuais para nos expressar", ele afirma. "Arte é

um veículo para contestar cuspel algumas coisas e celebrar outras."

Para ele, "vem do artista como Hélio Oiticica esta lição de inventar coisas, de criar e de produzir um trabalho cultural". Philocreon afirma que é "em contexto de engajamento" via linguagem. Segue este último raciocínio as diretrizes do projeto "Linha Imaginária" que, nos últimos três anos, realizou coletivas em Belém, Fortaleza, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba e São Paulo. O núcleo da idéia é a questão do intercâmbio - "uma contraposição à globalização" - com o objetivo de criar "grandes redes entre os estados brasileiros, mostrando a cara da produção brasileira contemporânea", rompendo situações de isolamento, de falta de divulgação e criando novos circuitos de arte.

Junto com as exposições, acontece um trabalho de debates e visitas a ateliês, investigando tanto o que está sendo feito quanto mobilizando os artistas para ações semelhantes. "Não sou produtor cultural", avisa Sidney Philocreon, lembrando que articular tudo isso não é fácil e que, com a crise financeira, a situação ficou ainda mais difícil. "A medida que todos resolvem trabalhar junto, as coisas ganham velocidade", ele completa, manifestando seu interesse em conhecer a produção contemporânea de Belo Horizonte, sem esquecer que tem exposição para montar e que vai ficar pouco tempo na cidade

Perfil do artista brasileiro

Fazendo um balanço informal do que pode ver em suas andanças pelo Brasil, Sidney Philocreon revela que a chamada arte contemporânea hoje é dominante nos grandes centros (em especial São Paulo) mas "muito filtrada pelo mercado". O problema é que estes espaços deixam de lado "o papel educativo". Detecta, ainda, na região nordeste, atitudes contemporâneas, mas com referências regionalistas, o que considera positivo, "por liberar dos padrões contemporâneos impostos". Acrescenta-se a diversidade de perspectivas, desde o sonho de monumentalizar obras (em São Paulo) até uma grande maioria, espalhada pelo País, trabalhando solitariamente no ateliê.

A situação econômica precária é outro dado comum aos artistas. "A

maioria tem outros empregos, não necessariamente ligados à área artística, que é sua fonte de sobrevivência", explica Sidney Philocreon. "Grandes jornadas de trabalho ou pequenas jornadas, mas com remuneração baixa, acaba impedindo que se tenha condições até de ter um ateliê". Até pelo fato do perfil não se adequar às exigências das imobiliárias, que "exigem do artista condições de empresários para alugar um imóvel" ou tem, ainda, "a idéia idiota" de que, por se tratar de um ateliê, o artista vai derrubar o local. O resultado é a pouca possibilidade de experimentar questões de tamanhos, formatos e materiais.

Um elogio rasgado do parte de Sidney Philocreon vai para os museus e espaços culturais: "Tenho

descoberto que o Brasil tem salas e salas, bem adequadas, que até têm dificuldades técnicas, mas como equipes de trabalho solícitas, generosas, com um grande interesse em solucionar os problemas. O museu, mesmo sem dinheiro, é o agente responsável pela ação educativa no que se refere às artes visuais no Brasil. É uma instituição fundamental. E ela que estende o debate à comunidade, que caracteriza o intercâmbio, que viabiliza a apresentação das obras", finaliza.

● LINHA IMAGINÁRIA - Mostra coletiva. Abertura hoje, às 20h, na Sala Arlinda Corrêa Lima do Palácio das Artes (evento de Afonso Pena, 1.537, Centro). Aberto até 2 de maio.



OUTRO DESTAQUE da mostra é "Cavo um fóssil repleto de anzóis", de Odires Miászho



SIDNEY PHILOCREON assina a peça "Entre a saúde e a segurança", de 1995